

# **Migrações Internacionais, Globalização e Blocos de Integração Econômica- Brasil no Mercosul\***

**Neide Lopes Patarra<sup>S</sup>**  
**Rosana Baeninger<sup>-</sup>**

Palavras-chaves: migração internacional; migração fronteiriça; Mercosul

## **Resumo**

Este texto constitui-se num desdobramento e atualização de estudos anteriores voltados à análise das transformações e efeitos dos movimentos migratórios internacionais no âmbito do Mercosul. Sempre contextualizados a partir de processos macro-estruturais de reestruturação produtiva e no contexto internacional da atual etapa da globalização, em suas múltiplas dimensões e desdobramentos, esses estudos também voltam-se aos possíveis efeitos da formação do bloco econômico como estratégia multilateral para fazer frente aos efeitos freqüentemente perversos do contexto contemporâneo em seu desdobramento em termos de deslocamentos populacionais emergentes.

No caso dos países do Mercosul para o Brasil pôde-se constatar a importância crescente dos movimentos intra-bloco, não tanto por seu volume, mas por sua diversidade e suas implicações; a reestruturação produtiva e o contexto internacional tem produzido efeitos, na área, no sentido de impulsionar novas modalidades de transferências populacionais, dentre elas para as metrópoles, para cidades da nova industrialização, bem como para as áreas de fronteiras e limítrofes entre os países.

O texto apresenta, primeiramente, uma breve referência sobre os deslocamentos populacionais na América Latina nos anos 90; seguem análises sobre as migrações internacionais de e para o Brasil, a partir das informações do Censo Demográfico de 2000, destacando-se as origens da migração internacional contemporânea, a importância das metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro nos destinos migratórios e as especificidades das áreas de fronteira, com destaque para Santana do Livramento e Foz do Iguaçu.

\* Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Caxambu- MG, Brasil, de 18 a 20 de setembro de 2004.

\* Pesquisadora Titular e Professora do Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisa Social. Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE)/IBGE

♦ Professora do Departamento de Sociologia (IFCH) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (NEPO), Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

## **Migrações Internacionais, Globalização e Blocos de Integração Econômica: Brasil no Mercosul\***

**Neide Lopes Patarra<sup>S</sup>**

**Rosana Baeninger**

Este texto constitui-se num desdobramento e atualização de estudos anteriores voltados à análise das transformações e efeitos dos movimentos migratórios internacionais no âmbito do Mercosul. Sempre contextualizados a partir de processos macro-estruturais de reestruturação produtiva e no contexto internacional da atual etapa da globalização, em suas múltiplas dimensões e desdobramentos, esses estudos também voltam-se aos possíveis efeitos da formação do bloco econômico como estratégia multilateral para fazer frente aos efeitos freqüentemente perversos do contexto contemporâneo em seu desdobramento em termos de deslocamentos populacionais emergentes.

A crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização tem sido objeto de um número expressivo de contribuições importantes, de caráter teórico e empírico, que atestam para sua diversidade, significados e implicações.

Parte significativa desse arsenal de contribuições importantes voltam-se à reflexão sobre as enormes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais processando-se em âmbito internacional, principalmente a partir dos anos 80 do século passado. Como eixo de reflexão situam-se as mudanças advindas do processo de reestruturação da produção<sup>1</sup>, o que implica em novas modalidades de mobilidade do capital e da população em diferentes partes do mundo (Sassen, 1988).

As novas modalidades migratórias demandaram, no cenário da globalização, a necessidade de reavaliação dos paradigmas para o entendimento e conhecimento das migrações internacionais no mundo, onde a incorporação de novas dimensões explicativas torna-se imprescindível, bem como a própria definição do fenômeno migratório deve ser revista<sup>2</sup>. É imprescindível que se considere, hoje, o contexto de luta e compromissos internacionais assumidos em prol da ampliação e efetivação dos Direitos Humanos dos migrantes; é preciso se reconhecer o novo, difícil e conflitivo papel dos Estados Nacionais e das políticas sociais em relação aos processos internacionais e internos de distribuição da população no espaço, cada vez mais desigual e excludente; há que se tomar em conta as tensões entre os níveis de ação internacional, nacional e local; enfim, há que se considerar que os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação

---

\* Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Caxambu- MG, Brasil, de 18 a 20 de setembro de 2004.

\* Pesquisadora Titular e Professora do Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisa Social. Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE)/IBGE

♦ Professora do Departamento de Sociologia (IFCH) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (NEPO), Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP

<sup>1</sup> Veja-se dentre outros: Harvey (1992), Piore (1979), Benko e Lipietz (1998).

<sup>2</sup> É bastante expressivo o montante e qualidade da produção de Demógrafos e especialistas em Estudos Populacionais para o tema; mesmo com o risco de lacunas, é importante mencionar o trabalho da Comissão de Migração Internacional da IUSSP (cf, entre outros, Massey D.et alli,1993, Massey (1996); a produção mexicana, consistente e numerosa, expressa-se nas variadas publicações da SOMEDE; importante, também, entre outras, a contribuição de Alejandro Canales para a reconceituação da questão populacional na globalização (Canales, 2003).

territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global.

Com a velocidade das transformações tecnológicas (Castells, 1999); com a compressão do espaço e do tempo (Harvey, 1992); com a nova conformação da hierarquia urbana internacional (Sassen, 1988); com a consolidação de redes de lugares e dos lugares de redes (Benko e Lipietz, 1994); com a intensidade e diversidade dos deslocamentos populacionais, que definem e redefinem espaços transnacionais (Glick e Schiller, 1997), a importância do fenômeno migratório internacional reside hoje muito mais em suas especificidades, em suas diferentes intensidades e espacialidades e em seus impactos diferenciados (particularmente ao nível local) do que no volume de imigrantes envolvidos nos deslocamentos populacionais.

Acontecimentos recentes, como o 11 de setembro nos Estados Unidos e sua estratégia militar preventiva iniciada com a Guerra do Iraque, os conflitos do Oriente Médio, as tensões entre comunidades de imigrantes muçulmanos na Europa, entre outras manifestações das contradições e conflitos que permeiam a vida coletiva neste início de século reforçam-se também as dimensões de racismo e xenofobia.

Por outro lado, é o momento decisivo de se decidir, no plano internacional, quais os países que terão acesso ao desenvolvimento, ou que países poderão lograr o desenvolvimento econômico e superar sua condição de eternos países em desenvolvimento; e nesse cenário aparecem os países da América do Sul, onde, com exceções e de um modo geral, nas décadas passadas assistiu-se a um processo de democratização, embora as crises financeiras, o déficit fiscal, as dívidas externas e internas, o estancamento do processo produtivo, entre outras dimensões, imprimiram a essa dinâmica a contrapartida de aumento da pobreza, da desigualdade, da exclusão, distanciando-os ainda mais dos países do Primeiro Mundo.

Para superar a distância que os separa dos países desenvolvidos, o continente desenvolve estratégias, muitas vezes oscilando entre a obediência aos cânones neo-liberais e as tentativas de incrementar o resgate social acumulado. Nesse contexto move-se o Mercosul, que já há mais de um década opera com oscilações, contradições e desafios, ao mesmo tempo que as discussões sobre comércio internacional e a ALCA recrudescem ainda mais os conflitos internos à região.

A conjuntura política, por outro lado, aponta para a emergência de lideranças mais voltadas ao reforço regional conjunto do continente sul-americano como estratégia de enfrentamento da situação adversa. No âmbito do Mercosul, o presidente Lula e sua política externa parecem dirigidas ao fortalecimento do bloco de integração; na conjuntura que tem Kirchner na Argentina, país rival mas também aliado, a conjuntura política parece favorecer uma maior dinamismo e um relativo avanço nas políticas sociais que envolvem diretamente aqueles que se movimentam internamente nos países do bloco, quer com mudança de residência, quer como retornos de situações precárias anteriores, quer como circularidade, com dupla residência, permanências temporárias, ilegalidade, clandestinidade, com famílias ou individualmente, com aumento da participação das mulheres, entre outras características. Seria o momento de retomar o esquecido conceito de cidadania comunitária?

### **1. Migração internacional recente de e entre países da América do Sul: principais características e tendências (rápida referência)**

Os deslocamentos populacionais entre os países da América do Sul, de um modo geral, são históricos e bastantes complexos, envolvendo desde fluxos intercontinentais até aqueles em espaços bi-nacionais e tri-nacionais<sup>3</sup>. Essas migrações compreendem diversas

---

<sup>3</sup> As características, tendências e modalidades dos movimentos migratórios na América do Sul com especial referência aos países do Mercosul foram objeto de estudos anteriores (Patarra, 2000; Patarra e Baeninger, 2001)

formas de mobilidade da população no território e derivam tanto de fatores econômicos quanto políticos.

Em trabalho recente, incorporando resultados dos Censos Demográficos ronda 2000, Martinez (2003) aponta novas tendências e significativas mudanças nos padrões migratórios da América Latina e Caribe, a saber: a) a imigração de ultramar que registra um esgotamento indeclinável; b) a migração intraregional, que experimentou uma modesta intensidade e mantém um predomínio feminino; e c) a emigração em direção aos Estados Unidos que concentra três/quartas partes dos migrantes da região e se inscreve dentro do padrão migratório Sul-Norte.

Ressalta o autor, ademais, a nova tendência de direcionamento dos fluxos rumo ao primeiro mundo : Espanha, envolvendo imigrantes de um grande número de países, inclusive o Brasil e o Japão, que envolve Peru e Brasil

No que se refere aos movimentos intra-regionais, durante o decênio de 1970 houve um grande aumento da migração e o número de migrantes duplicou; dos anos 80 em diante o crescimento do stock desses migrantes foi modesto e pode-se conjecturar que tenha aumentado levemente até os anos 2000. É interessante de se observar que esses movimentos migratórios envolvem não apenas mudança de residência como também manifestam-se numa variedade de modalidades como, por exemplo, a mobilidade temporal ou circular, associadas aos ciclos econômicos e às atividades agrícolas, à construção de grandes obras e ao comércio, entre outras, e sua influência se faz sentir especialmente nas regiões fronteiriças.

Como indica a experiência de décadas passadas, o padrão intraregional tem sido, ademais, sensível às conjunturas de expansão e retração econômica e à violência, que propicia tanto uma fuga para países vizinhos como um retorno aos países de origem quando essa violência parece amenizar-se; em alguns casos, esses movimentos derivam de deslocamentos internos; esse é o caso da Colômbia nos últimos anos: os colombianos seguem representando o principal fluxo migratório intra-regional e de busca de refúgio em países vizinhos.

O comportamento observado durante os anos oitenta deveu-se ao impacto da crise econômica e seus programas de reforma estrutural - que se fizeram sentir com força especial nas principais nações de destino - a década perdida para o desenvolvimento trouxe, não obstante, a recuperação das formas democráticas de convivência nos países.

A década de 90 foi de oscilações, mas com predominância de acirramento de crises e instabilidade política; os principais países sul-americanos de imigração (Argentina e Venezuela) não tiveram a estabilidade suficiente para atrair migrantes como em outras épocas, mantendo-se uma transferência, mas com menor intensidade.

Ainda que não se possa concluir que as origens e destinos das correntes migratórias dentro da América do Sul não se alteraram maiormente no último decênio - tendência das décadas passadas - é claro que há sinais nessa direção. Venezuela experimentou uma leve aumento no número de seus imigrantes da região (81% colombianos). Os colombianos têm também importante presença no Equador e no Panamá e seu número aumentou significativamente, no primeiro caso, principalmente mulheres. Martinez (2003) constata que de acordo com o ACNUR, os colombianos sempre constituíram populações flutuantes em zonas fronteiriças e isso se acentuou em consequência do aumento da violência; além disso apenas uma minoria desses migrantes conseguiu o status de refugiado político. A imigração em direção ao Chile - principalmente de cidadãos peruanos - foi importante durante os anos noventa, ao ponto que marca a presença quantitativa de estrangeiros mais elevada de sua história, produto de um grande crescimento, ainda que essa tendência não tenha sido de todo

---

e beneficiaram-se muito das análises elaboradas pelos colegas do CELADE, com base no IMILA (Villa, 2000, Villa e Martinez, 2000)

inédita e o estoque de estrangeiros tenha uma gravidade percentual apenas superior a 1% da população do país (p.24 e 25)

## **2.Movimentos internacionais recentes de e para o Brasil**

O novo contexto internacional trouxe transformações das mais significativas para os movimentos internacionais de população de e para o Brasil; passados quase cem anos de imigração internacional massiva, os anos 80 e 90 do século XX trouxeram à tona a questão das migrações internacionais para o país; inserindo-se agora neste novo momento da história das migrações internacionais, a saída de brasileiros para o exterior bem como a entrada de novos contingentes de estrangeiros passou a emergir como importante questão demográfica

O Brasil foi o último país da América Latina a entrar na tendência de emigração rumo ao primeiro mundo a partir dos 1980; foi nesse período que, pela primeira vez, verificou-se uma saída significativa de sua população.

Os dados a respeito desse movimento são fragmentados e de difícil aferição; estima-se, contudo, que mais de dois milhões de pessoas tenham deixado o país nas últimas décadas. De acordo, com as informações do Ministério das Relações Exteriores, do total de 1.887.895 brasileiros residentes no exterior no ano 2002, 42% encontravam-se nos Estados Unidos (quase 700 mil brasileiros); 24% no Paraguai ( em torno de 450 mil); 11% no Japão (225 mil brasileiros). Para os países do primeiro mundo, estima-se em 1,5 milhão a emigração de brasileiros.

A outra face dessa nova migração internacional é a entrada recente de estrangeiros no Brasil. Considerando o estoque de estrangeiros no País, nota-se, no entanto, um decréscimo nesse contingente por se tratar do total de estrangeiros independente do tempo de residência: de 912 mil pessoas em 1980 para 651 mil pessoas em 2000, representando apenas 0,38% de sua população total. No conjunto desse contingente populacional estrangeiro pode-se observar, na Tabela 1, que as nacionalidades predominantes são aquelas ainda constitutivas do padrão ultramar (Villa e Rodrigues, 2000): mais da metade desse estoque de estrangeiros nasceram na Europa (57,5%). Seguem mais distantes, os asiáticos (18,2%), com destaque para os japoneses (10%) e os ‘mercosulinos’ (17,2%).

Tabela 1  
Estrangeiros Residentes segundo País de Nascimento, Brasil, 2000

País de Nascimento	Estrangeiros Total	Distribuição Relativa (%)	Proporção de Imigrantes do período 1990-2000 (%)
<b>MERCOSUL</b>	<b>65.103</b>	<b>9,99</b>	<b>35,43</b>
Argentina	23.607	3,62	33,91
Paraguai	28.082	4,31	41,63
Uruguai	13.414	2,05	25,13
<b>MERCOSUL AMPLIADO</b>	<b>111.959</b>	<b>17,19</b>	<b>33,70</b>
Argentina	23.607	3,62	33,91
Paraguai	28.082	4,31	41,63
Uruguai	13.414	2,05	25,13
Chile	16.388	2,52	12,57
Bolívia	20.015	3,07	38,04
Peru	10.453	1,60	47,68
AMÉRICA SUL/CENTRAL	13.417	2,06	50,40
AMÉRICA NORTE	15.944	2,45	56,50
EUROPA	374.260	57,47	6,11
ÁFRICA	15.373	2,36	29,05
ÁSIA	118.870	18,25	10,39
-Japão	69.870	10,73	6,90
OCEANIA	541	0,08	48,06
outros/sem espec.	862	0,13	27,03
<b>TOTAL</b>	<b>651.226</b>	<b>100,00</b>	<b>15,12</b>

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 2000. Tabulações Especiais, NEPO/UNICAMP.

A proporção de imigrantes internacionais recentes (1990-2000) no total deste estoque de estrangeiros indica, contudo, novas modalidades migratórias, com a crescente importância do contexto regional do Mercosul; por exemplo, a imigração recente do Paraguai para o Brasil representa quase a metade dos paraguaios aqui residentes, sendo que para os demais países do Mercosul essa proporção é superior a 30%. Além disso, destaca-se a imigração recente de americanos, demais países da América do Sul/Central e África; essas migrações recentes constituem uma das dimensões do cenário das mudanças econômicas internacionais vigentes na sociedade global (Ianni, 1996).

Traço característico da imigração estrangeira no cenário da globalização é a condição clandestina dos migrantes (Sales, 1991; Patarra e Baeninger, 1995), tornando ainda mais difícil a mensuração desses fluxos. É nesse contexto, portanto, que esses novos fluxos de imigrantes para o Brasil são de difícil percepção e aferição.

Apesar das limitações dos censos demográficos para captar a informação sobre migração internacional<sup>4</sup>, esta fonte permite identificar as tendências recentes do fenômeno. Considerando a década de 80 e a de 90, aumentou o volume da migração internacional no Brasil: de 89 mil para 98 mil estrangeiros (Tabela 2). Os países de nascimento desse contingente, que passou a residir no Brasil nessas décadas, estiveram concentrados no Mercosul Ampliado<sup>5</sup>, respondendo por cerca de 40% dos imigrantes internacionais recentes que chegaram no País, seguido da Europa (mais de 20%), Ásia (12,5%) e América do Norte (9,1%). Essas evidências indicam, de um lado, que o Brasil aumentou sua inserção nas

<sup>4</sup> Veja-se Villa e Martinez (2000).

<sup>5</sup> Considera-se - além de Argentina, Paraguai e Uruguai - Chile, Bolívia e Peru.

migrações do Mercosul; de outro lado, retomou as migrações de ultramar, com fluxos da Europa e Ásia. Ressalte-se ainda que a imigração internacional norte-americana recente está relacionada a alocação temporária de mão-de-obra qualificada.<sup>6</sup>

No caso das migrações internacionais de ultramar, se para o conjunto da América Latina e Caribe o padrão migratório ultramar realmente se viu esgotado até os anos 50 (Villa e Martinez, 2000) e não demonstra novo impulso, para o caso brasileiro esses fluxos – se não se configuram um padrão (nos moldes do final do século passado)-, marcam uma nova modalidade de movimento imigratório internacional para o País. Os anos 80 demonstram o vigor desses fluxos, uma vez que para os anos 90 assiste-se um ligeiro declínio nesses volumes de imigrantes. Os imigrantes com origem na Europa, com destaque para Portugal, passam de 24 mil para 22 mil, de uma para outra década; para a Ásia, o fluxo decresce de 18 mil para 12 mil, indicando a diminuição na entrada de coreanos, dado que os imigrantes japoneses recentes passaram de 3 mil para quase 5 mil, respectivamente. Deve-se ainda considerar a importância crescente da migração africana, que quase dobrou seu volume, do período 1981-1991 para 1990-2000: de 2,5 mil para 4,8 mil imigrantes no Brasil.

Já os deslocamentos populacionais entre os países da região são históricos e bastante complexos, envolvendo desde fluxos intercontinentais até aqueles em espaços binacionais e trinacionais. Essas migrações compreendem diversas formas de mobilidade da população no território latino-americano e caribenho e derivam tanto de fatores econômicos quanto políticos<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Ministério do Trabalho e do Emprego. Secretaria de Relações do Trabalho (SRT)/Coordenação Geral de Imigração (CGI); CNPD (2000).

<sup>7</sup> Veja-se Pellegrino (1989), Villa (1997), Lattes e Lattes (1997), Maguid (2000), dentre outros.

Tabela 2  
População Imigrante Internacional segundo País de Nascimento  
Brasil  
1981-1991 e 1990-2000

País de Nascimento	Estrangeiros Entrados no Brasil		Distribuição Relativa (%)		Incremento Relativo (%)
	1981-1991	1990-2000	1981-1991	1990-2000	1981-1991/1990-2000
<b>MERCOSUL</b>	<b>18.303</b>	<b>23.068</b>	<b>20,51</b>	<b>23,41</b>	<b>20,56</b>
Argentina	8.879	8.005	9,95	8,12	-10,92
Paraguai	5.319	11.692	5,96	11,86	54,51
Uruguai	4.105	3.371	4,60	3,42	-21,77
<b>MERCOSUL AMPLIADO</b>	<b>35.747</b>	<b>37.727</b>	<b>40,06</b>	<b>38,30</b>	<b>5,25</b>
Argentina	8.879	8.005	9,95	8,12	-10,92
Paraguai	5.319	11.692	5,96	11,86	54,51
Uruguai	4.105	3.371	4,60	3,42	-21,77
Chile	6.864	2.060	7,69	2,09	-233,20
Bolívia	8.022	7.615	8,99	7,72	-5,34
Peru	2.558	4.984	2,86	5,05	48,68
AMÉRICA SUL/CENTRAL	5.209	6.763	5,83	6,86	22,98
AMÉRICA DO NORTE	8.029	9.008	9,00	9,14	10,87
EUROPA	24.532	22.874	27,49	23,21	-7,25
ÁFRICA	2.517	4.466	2,82	4,53	43,64
ÁSIA	18.205	12.361	20,40	12,55	-47,28
-Japão	3.361	4.822	3,76	4,89	30,30
OCEANIA	45	260	0,05	0,26	82,69
OUTROS/SEM ESPECIFICAÇÃO	635	233	0,71	0,23	-172,53
<b>TOTAL</b>	<b>89.235</b>	<b>98.514</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>9,42</b>

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1991 e 2000. Tabulações Especiais, NEPO/UNICAMP.

Esse padrão migratório intra-regional vem se tornando mais nítido a partir dos anos 70 (Villa, 1997). A permeabilidade das fronteiras que integram os países da América Latina, num contexto de integração econômica regional, vem contribuindo para a intensificação dos deslocamentos de população de tipo fronteiriço ou entre países limítrofes, com os deslocamentos transfronteiriços (Pellegrino, 1995; Patarra, 1997), ao lado de deslocamentos metropolitanos.

No caso desse padrão migratório latino-americano torna-se ainda mais evidente que a importância do fenômeno reside nas novas situações presentes nos processos migratórios intra-regionais, já que a enorme diversidade e potencialidade de espaços da migração na América Latina contribuem para uma menor concentração nos volumes de migrantes.

Dos anos 80 para os 90 é possível observar o expressivo aumento no fluxo de paraguaios para o Brasil (de 5 mil para 11 mil), de peruanos (de 2,5 mil para 5 mil) e dos demais países da América do Sul e Central (de 5,2 mil para 6,7 mil). Diminuíram, contudo, a migração de argentinos para o Brasil (de 8,8 mil para 8 mil), de uruguaios (de 4,1 mil para 3,4 mil), de bolivianos (de 8 mil para 7,6 mil), e, com decréscimo mais expressivo, de chilenos (de 6,8 mil para 2,1 mil); nesse último caso, por constituir a maioria desse contingente de mão-de-obra qualificada (Patarra e Baeninger, 2001) a crise dos anos 90 pode ter influenciado essa desaceleração acentuada do movimento migratório.

Dentre as migrações internacionais do Mercosul para o Brasil, nos anos 90, a metade teve origem no Paraguai; 34,7% na Argentina; e, 14,6 % no Uruguai. Para o Mercosul



Ampliado, a migração de paraguaios para o Brasil respondeu por 31% do total, seguida do fluxo de argentinos (21,2% do total) e dos bolivianos (20,2%) e, finalmente, dos peruanos (13,2%). Esses fluxos indicam que para a compreensão dos deslocamentos populacionais no Mercosul é preciso que se amplie a região de análise, incorporando, mesmo que de maneira agregada, países que imprimem uma nova dinâmica às migrações na América Latina.

### **3 Migração internacional do trabalhador global e de grupos étnicos: país, metrópoles e fronteiras**

O perfil do migrante internacional analisado através do censo demográfico, embora permita conhecer algumas especificidades do fenômeno, aponta a seletividade migratória desse contingente populacional. De modo geral, o grau de escolaridade, a inserção nas atividades econômicas, a ocupação desses imigrantes internacionais captados pelo censo apresentam-se bastante favoráveis, uma vez que se tratam de imigrantes que, além de poderem estar legalizados no País, estão sendo absorvidos pelo mercado de trabalho.

Feitas essas ressalvas, as análises a seguir possibilitam identificar para o caso brasileiro: a migração internacional do trabalhador global<sup>8</sup>; a migração internacional de grupos étnicos e a migração internacional fronteiriça.

#### **3.1. A Migração Internacional do Trabalhador Global e de Grupos Étnicos**

Considerando os anos de estudo dos imigrantes internacionais recentes para o Brasil (Tabela 3), os imigrantes da Europa, da América do Norte, do Japão e da Oceania concentram suas participações na categoria nível universitário (12-15 anos de estudo) e pós-graduação (mais de 16 anos), estando inseridos, predominantemente, nas atividades ligadas a Educação (América do Norte e Oceania, em especial), a Intermediações Financeiras e na Indústria de Transformação (Japão, América do Norte e Europa).

De fato, os imigrantes internacionais da Europa, da América do Norte, do Japão e da Oceania concentram suas participações na categoria nível universitário (12-15 anos de estudo) e pós-graduação (mais de 16 anos), estando inseridos, predominantemente, nas atividades ligadas a Educação (América do Norte e Oceania, em especial), a Intermediações Financeiras e na Indústria de Transformação (Japão, América do Norte e Europa).

Os asiáticos, principalmente os coreanos, apresentam grau de escolaridade entre o nível colegial e universitário e concentrados nas atividades relacionadas ao comércio; a produção têxtil e de confecções no Brasil vem sendo amplamente dominada pelos coreanos (Galleti, 1996). Dentre os novos imigrantes de ultramar, os africanos concentram-se no nível universitário e ligados às atividades de Educação, Comércio e Indústria de Transformação.

Esses trabalhadores imigrantes internacionais apresentam ocupações (Tabela 4) ligadas às Ciências e Artes - América do Norte (52,3% dos imigrantes do período 1990-2000); Oceania (48,3%), África (21,2%); à direção de Empresas, Gerentes, Organização de interesse público, Membro do Poder Público - Oceania (57,6% do total de seus imigrantes no Brasil); Ásia (35,6%); Europa (30,5%); Europa (30,5%); Japão (20,4%).

Tais imigrantes internacionais compõem uma fatia dos movimentos migratórios em nível global; Sassen (1990) afirma que há claramente uma classe de trabalhadores que se beneficia do novo complexo industrial advindo do processo de reestruturação produtiva e do conseqüente processo de globalização; são os novos profissionais gerentes, corretores, com altos e bons salários. Esse novo trabalhador de alta-renda é o portador da capacidade e escolha

---

<sup>8</sup> Castells (1999).

de consumo; a conjugação de excesso de lucro e a nova cultura do trabalho cosmopolitano criou uma força espacial para novos estilos de vida e novos tipos de atividades econômicas.

Dentre esses fluxos, a migração internacional étnica, que está relacionada à reestruturação produtiva, é caracterizada pela importante participação dos coreanos no setor da indústria de confecção e o comércio a ele vinculado; tanto o Brasil quanto a Argentina têm recebido esse contingente populacional.

Desse modo, a migração internacional do trabalhador global e a migração internacional étnica no Brasil é caracterizada pelos fluxos de ultramar: outrora mão-de-obra para a lavoura de açúcar (os africanos) de café (europeus) e de outras culturas (japoneses e coreanos<sup>9</sup>), hoje altamente qualificado e ligado ao processo de reestruturação da produção em âmbito global.

Tabela 3

Imigrantes Internacionais segundo Escolaridade (População com mais de 14 anos de idade)

Brasil

1990-2000

País de Nascimento	Anos de Estudo						
	Sem instrução menos 1	1-4	5-8	9-11	12-15	+16	TOTAL(*)
<b>MERCOSUL</b>	<b>6,06</b>	<b>15,14</b>	<b>22,54</b>	<b>29,61</b>	<b>16,25</b>	<b>9,68</b>	<b>14.784</b>
Argentina	0,97	6,64	12,38	37,46	25,80	16,56	5.985
Paraguai	12,27	26,33	33,74	16,29	6,76	3,46	6.003
Uruguai	3,62	9,11	20,04	41,60	16,38	8,44	2.797
<b>MERCOSUL AMPLIADO</b>	<b>4,53</b>	<b>12,18</b>	<b>21,00</b>	<b>32,85</b>	<b>16,36</b>	<b>12,45</b>	<b>26.755</b>
Argentina	0,97	6,64	12,38	37,46	25,80	16,56	5.985
Paraguai	12,27	26,33	33,74	16,29	6,76	3,46	6.003
Uruguai	3,62	9,11	20,04	41,60	16,38	8,44	2.797
Chile	3,54	3,84	10,68	38,81	22,32	20,82	1.667
Bolívia	3,04	10,84	23,48	42,14	9,72	10,24	6.121
Peru	1,69	6,96	16,03	28,37	24,10	22,17	4.183
AMÉRICA SUL/CENTRAL	3,13	6,96	12,99	20,04	20,02	36,48	4.992
AMÉRICA DO NORTE	0,83	1,64	3,50	21,90	41,20	29,59	3.915
EUROPA	2,24	6,77	6,46	23,72	31,92	28,46	17.242
ÁFRICA	0,87	5,82	15,21	32,14	34,34	11,05	3.877
ÁSIA	9,46	5,66	17,04	37,05	20,91	8,00	10.737
-Japão	5,05	9,51	13,68	18,93	39,64	11,84	1.991
OCEANIA	-	-	28,00	22,00	12,00	38,00	150
OUTROS/SEM ESPECIFICAÇÃO	17,10	27,98	27,98	13,9	5,18	7,77	193
<b>TOTAL</b>	<b>4,26</b>	<b>8,46</b>	<b>14,76</b>	<b>29,33</b>	<b>24,18</b>	<b>18,33</b>	<b>70.334</b>

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 2000, 2ª Edição. Tabulações Especiais, NEPO/UNICAMP.

<sup>9</sup> Galleti (1995), Silva (1995)

Tabela 4  
Imigrantes Internacionais segundo Ocupação (População com mais de 14 anos de idade) - Brasil:1990-2000

<b>MERCOSUL</b>	<b>12,60</b>	<b>15,12</b>	<b>10,23</b>	<b>27,81</b>	<b>6,94</b>	<b>16,56</b>	<b>8.092</b>
Argentina	21,09	23,49	14,76	17,44	1,89	10,65	3.284
Paraguai	4,12	6,90	5,07	36,49	11,90	25,57	3.062
Uruguai	11,49	13,78	10,57	31,96	7,78	11,89	1.746
<b>MERCOSUL AMPLIADO</b>	<b>10,03</b>	<b>19,15</b>	<b>7,53</b>	<b>24,10</b>	<b>5,58</b>	<b>24,28</b>	<b>15.351</b>
Argentina	21,09	23,49	14,76	17,44	1,89	10,65	3.284
Paraguai	4,12	6,90	5,07	36,49	11,90	25,57	3.062
Uruguai	11,49	13,78	10,57	31,96	7,78	11,89	1.746
Chile	14,12	29,39	6,75	17,45	2,49	18,80	963
Bolívia	4,09	11,82	3,31	16,29	5,48	52,00	3.866
Peru	9,30	40,16	5,56	26,79	2,43	8,02	2.430
A SUL/CEN	12,10	43,43	11,,37	16,74	4,80	4,72	2.583
A. NORTE	28,87	52,31	7,27	3,43	0,25	2,69	2.009
EUROPA	30,58	34,32	10,74	10,50	2,30	4,45	9.460
ÁFRICA	13,80	21,18	10,62	27,53	-	10,17	1.544
ÁSIA	35,61	9,18	6,78	46,67	0,85	3,09	5.796
-Japão	20,39	28,18	7,10	18,06	5,53	5,22	957
OCEANIA	51,67	48,33	-	-	-	-	60
s/ESPECIFIC.	-	22,63	4,33	19,71	11,68	27,74	137
<b>TOTAL</b>	<b>19,63</b>	<b>25,19</b>	<b>8,56</b>	<b>22,49</b>	<b>3,49</b>	<b>12,53</b>	<b>37.897</b>

Fonte:FIBGE, Censo Demográfico de 2000, 2ª Edição. Tabulações Especiais, NEPO/UNICAMP.

No âmbito do Mercosul, o trabalhador global está envolvido, particularmente, nos fluxos da Argentina para o Brasil, com seus emigrantes concentrados no nível superior e pós-graduação (42,4% dos argentinos residentes no Brasil em 2000), sendo 44% ligados à cargos de gerência, empresas e profissionais das ciências e artes e 12,2% à intermediação financeira.

Os rebatimentos desse movimento de reestruturação nos contextos urbanos têm contribuído para a globalização dos lugares, com a configuração de espaços marcados como o lugar da produção<sup>10</sup>. Para Sassen (1990), as metrópoles, por se constituírem no local da concentração das atividades ligadas ao processo de reestruturação das atividades econômicas, tornaram-se o local privilegiado para os destinos dessa migração internacional; este é um dos aspectos que marca as chamadas cidades globais. Centros privilegiados da economia capitalista transnacional, essas cidades “representam lugares específicos, espaços da estrutura social, da dinâmica interna e da nova ordem global” (p.4).

De fato, os destinos migratórios dos fluxos da migração internacional do trabalhador global para o Brasil, entre 1990-2000, estão concentrados nas duas principais metrópoles brasileiras, já definidas na hierarquia urbana nacional como metrópole globais: São Paulo e Rio de Janeiro (IPEA/IBGE/NESUR, 2000).

No conjunto dos imigrantes internacionais para o Brasil nos anos 90, mais de 35% destinaram-se às regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro (Tabela 5). No caso do Rio de Janeiro, há uma concentração mais acentuada dos africanos (37% do total do período 1990-2000), seguido pelos europeus e norte-americanos (em torno de 14% do total residente no País). É na metrópole de São Paulo que a migração internacional dos trabalhadores globais e da migração étnica se concentra: 44% dos asiáticos, 38% dos japoneses e mais de 20% dos europeus, norte-americanos e argentinos (16%, nesse último caso) do período 1990-2000.

<sup>10</sup> Em Sassen (1988 e 1990) encontra-se uma discussão a esse respeito.

**Tabela 5**

Destino da Migração Internacional, Regiões Metropolitanas – Brasil,1990-2000

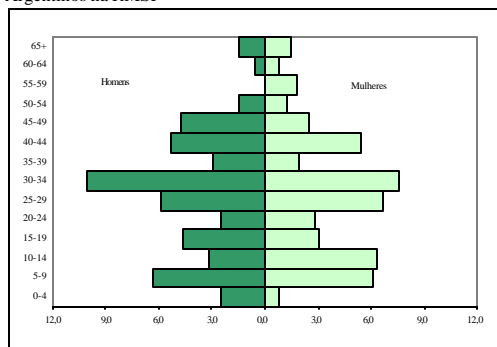
Lugar de Nascimento	Destino Migratório		
	RM São Paulo	RM Rio de Janeiro	TOTAL
Europa	24,61	14,54	22.874
América do Norte	22,11	13,64	9.008
Ásia	44,61	5,45	12.361
Japão	38,32	4,13	4.822
Oceania	22,30	14,23	260
África	23,09	37,19	4.466
Argentina	16,40	11,23	8.005
<b>Total Geral</b>	<b>25,45</b>	<b>10,52</b>	<b>98.514</b>

Fonte:FIBGE, Censo Demográfico de 2000, 2ª Edição.Tabulações Especiais, NEPO/UNICAMP.

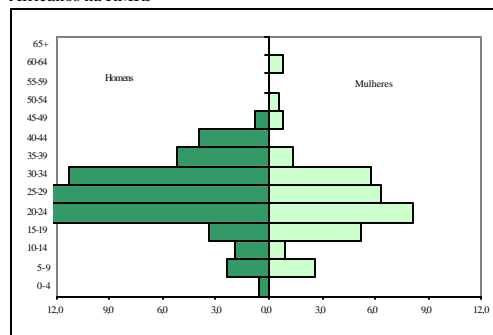
A estrutura etária dessa imigração internacional metropolitana reflete a seletividade do movimento, com forte presença de jovens e adultos em idade produtiva, inclusive com significativa participação da migração feminina (Gráfico 1)

**Gráfico 1**Estrutura Etária da Imigração Internacional Metropolitana  
RMSP e RMRJ - 2000

Argentinos na RMSP



Africanos na RMRJ



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000. 2ª edição. Tabulações Especiais, NEPO/UNICAMP.

Assim, a cidade global, que é capaz de atrair esse novo contingente imigrante, de acordo com Sassen (1988) estrutura-se não apenas nos resultados da economia internacional sob aquele espaço mas também aos processos e estruturas globalizantes e suas conseqüências presentes na vida das cidades e de seus habitantes. Os fatores que contribuem para a chegada dessa população estão vinculados à dispersão geográfica da indústria; o crescimento da indústria financeira; a transformação na relação econômica entre cidades globais, estado-nação e a economia mundial; e a formação de uma nova classe social em cidades globais, onde os imigrantes internacionais globais estão presentes (Sassen, 1990).

### 3.2 Migração Internacional Fronteiriça: Foz do Iguaçu e Santana do Livramento

Como mencionado anteriormente, cerca de 40% da imigração internacional dos anos 90 teve origem nos países do Mercosul Ampliado; o Paraguai responde por 11% desse fluxo, a Argentina por 8,1%, a Bolívia por 7,7%.

Configurando distintos grupos sociais, esses imigrantes apresentam características socioeconômicas bastante diferenciadas; o caso dos argentinos, já apresentado anteriormente, é ilustrativo das desigualdades que permeiam essas migrações.

Dentre os mercosulinos no Brasil, aqueles com menor escolaridade são os paraguaios (vide Tabela 3), com cerca de 12,3% de seus migrantes na categoria Sem Instrução e menos de 1 ano de estudo; de fato, trata-se de imigrantes trabalhadores agrícolas ou inseridos em atividades de menor qualificação, como construção, comércio e mesmo indústria de transformação. Os imigrantes provenientes do Uruguai, do Chile e da Bolívia apresentam em torno de 3% Sem Instrução e os do Peru apenas 1,7%. Na verdade, os argentinos, os chilenos e os peruanos registrados no censo demográfico são aqueles com maior escolaridade, destacando-se os níveis superior e pós-graduação.

Os uruguaios dividem-se entre as atividades ligadas ao Comércio e a Intermediações Financeiras; os argentinos e chilenos espalham-se nas atividades qualificadas de Intermediação Financeira, Indústria de Transformação, Educação e Comércio; os bolivianos concentram-se na Indústria de Transformação, e os peruanos, no Comércio, Educação e Saúde.

Destaca-se que os argentinos e chilenos apresentam ocupações ligadas a Gerência e Profissionais das Ciências e das Artes (vide Tabela 4); os uruguaios, nos Serviços e Vendedores do Comércio; os paraguaios, além de ocupações agrícolas, estão presentes nos Serviços e Vendedores do Comércio e nas ocupações ligadas a Bens e Serviços Industriais, juntamente com os bolivianos; e os peruanos registram elevada participação (mais de 40%) como Profissionais das Ciências e das Artes, seguido de Serviços e Vendedores do Comércio.

Essa heterogeneidade da população migrante internacional do Mercosul no Brasil reflete a própria estrutura ocupacional do processo de reestruturação produtiva. Segundo Sassen (1988) essa estrutura caracteriza-se, de um lado, pela concentração locacional dos principais setores da indústria; de outro lado, contudo, soma-se a polarização ocupacional, contribuindo para o crescimento de um estrato de alta renda e um estrato, bastante grande, de trabalhadores de baixa renda, incluindo-se também os migrantes internacionais, em particular os clandestinos.

Tratando-se de uma imigração mercosulina seletiva, captada pelo censo, as estruturas indicam migrações familiares para os paraguaios e a presença acentuada de adultos jovens para os chilenos, argentinos e mesmo bolivianos no Brasil; destaca-se a importância da migração feminina para esses fluxos.

Os processos de redistribuição da população migrante, como dito anteriormente, configuram modalidades específicas, sendo algumas áreas transfronteiriças particularmente expressivas desse processo emergentes. Os casos dos municípios de Santana do Livramento e de Foz do Iguazu constituem exemplos que se manifestam nas dinâmicas de suas populações (Patarra e Baeninger, 2001). Em 1970, a população de Santana do Livramento, fronteira com o Uruguai era de 68 mil habitantes, superior a de Foz do Iguazu (28 mil); conformado por uma fronteira tríplice, este último município chegou a registrar uma das maiores taxas de crescimento do país nos anos 70 (16 % a.a.), saltando para uma população de 124 mil pessoas em 1980. Apesar do decréscimo em seu ritmo de crescimento populacional, os anos 80 e 90 ainda revelaram altas taxas de crescimento para Foz de Iguazu (superiores a 3% a.a.), enquanto que Santana do Livramento manteve uma taxa positiva de 1,3% a.a., entre 1991-2000.

O crescimento populacional desses espaços de fronteira é também caracterizado pela migração internacional, com destaque para os fluxos advindos dos países vizinhos. Em Foz do Iguazu predominam os migrantes internacionais com origem no Paraguai, bem como de países asiáticos. Cerca de 17% dos paraguaios que entraram no Brasil nos anos 90 destinaram-se a Foz do Iguazu e 13% dos asiáticos (Tabela 6)

Tabela 6  
 Imigrantes Internacionais  
 Foz do Iguaçu e Santana do Livramento  
 1990-2000

Países de Nascimento	Volume Total	Participação no Total Imigração Internacional (%)	Participação no Total Imigrantes no Brasil (%)
<b>Foz do Iguaçu</b>			
Argentina	445	10,32	5,56
Paraguai	1.968	45,65	17,00
Ásia	1.642	38,09	13,28
Total Geral	4.311	100,00	4,38
<b>Santana do Livramento</b>			
Uruguai	1.660	94,80	49,24
Argentina	63	3,60	0,79
Total Geral	1.751	100,00	1,78

Fonte: Fonte:FIBGE, Censo Demográfico de 2000, 2ª Edição; Tabulações Especiais , NEPO/UNICAMP.

Santana do Livramento é o destino migratório da metade dos uruguaios que entraram no País; cerca de 1.660 imigrantes do Uruguai passaram a residir neste município nos anos 90. Essas localidades absorvem, contudo, migrantes bastante diferenciados, em função principalmente, da própria estrutura econômica de cada um desses municípios fronteiriços (Tabela 7). Em Santana do Livramento, cerca de 14 % dos uruguaios estavam inseridos em atividades de Agricultura/Pecuária; 28% no Comércio; e, 11% em Intermediações Financeiras.

Em Foz do Iguaçu, cuja dinâmica vem sendo marcada pelo contrabando, narcotráfico, e toda sorte de negócios ilícitos provavelmente constitui-se no local de circularidade e de clandestinidade de um crescente número de indivíduos nesse contexto marcado ainda e tradicionalmente pela beleza natural e pelo turismo; os dados censitários constituem, principalmente neste caso, apenas um indício do movimento internacional de pessoas, neste complexo mosaico de contrastes do mundo globalizado. Neste caso os principais fluxos são de paraguaios, argentinos e asiáticos, sendo que estes últimos apresentam maiores volumes de população com mais de 14 anos de idade e, portanto, chegando a responder pela metade da população imigrante internacional em idade produtiva. Ou seja, os asiáticos vêm ocupando a primeira posição dentre os contingentes migratórios internacionais ao invés de serem os países do Mercosul. Torna-se importante registrar que, possivelmente, com os países vizinhos a mudança de residência tende a diminuir, conformando modalidades específicas de movimentos fronteiriços.

De qualquer maneira, os paraguaios disputam com os asiáticos as atividades ligadas ao Comércio local, embora 89% dos asiáticos estejam nessa atividade e apenas 21% dos paraguaios; outros 13% estão em Transporte e Comunicações. Os argentinos em Foz do Iguaçu estão absorvidos nas atividades do Comércio, Indústria de Transformação e Intermediação Financeira.

Esses dois exemplos de municípios ilustram as distintas modalidades de deslocamentos populacionais em áreas de fronteira. Santana do Livramento/Rivera insere-se ainda em deslocamentos ligados ao mercado de terras, principalmente pela inserção na agricultura de seus imigrantes; já Foz do Iguaçu, ao mesmo tempo em que poderia indicar a consolidação da fronteira, emerge como local privilegiado para a migração de asiáticos, características dos 'espaços de fluxos' (Castells, 1999). Assim, nota-se que a questão das fronteiras se expande para o entendimento do local e do global (Beck, 1996), ultrapassando espaços bi ou trinacionais.

Tabela 7  
 Imigrantes Internacionais segundo principais Atividades Econômicas (População com mais de 14 anos de idade)  
 Foz do Iguauçu e Santana do Livramento  
 1990-2000

Principais Atividades	País de Nascimento				País de Nascimento		
	Argentina	Paraguai	Ásia	Total Geral	SANTANA LIVRAMENTO	Uruguai	Total Geral
<b>FOZ DO IGUAÇU</b>							
Agricultura/Pec/Pesca	2,68	1,33	1,1	2,17	Agricultura/Pec/Pesca	14,1	13,50
Ind.Transfor-mação	14,77	2,52	1,1	2,69	Ind.Transformação	3,28	3,14
Construção	6,04	6,51	-	3,00	Construção	5,8	5,55
Comércio	29,53	21,38	89,13	55,71	Comércio	28,22	29,10
Transp/Comun	-	13,41	-	5,22	Transp/Comun	3,39	3,24
Interm.Financeira	11,41	6,37	2,26	4,96	Interm.Financeira	11,16	11,83
Educação	6,71	2,12	-	0,62	Educação	3,72	3,56
Saúde/Serv.Soc.	6,71	2,39	-	2,02	Saúde/Serv.Soc.	2,08	1,99
<b>TOTAL</b>	<b>149</b>	<b>753</b>	<b>975</b>	<b>1.935</b>	<b>TOTAL</b>	<b>914</b>	<b>955</b>

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 2000, 2ª Edição; Tabulações Especiais, NEPO/UNICAMP.

### Considerações Finais

No caso dos países do Mercosul para o Brasil pôde-se constatar a importância crescente dos movimentos intra-bloco, não tanto por seu volume, mas por sua diversidade e suas implicações; a reestruturação produtiva e o contexto internacional tem produzido efeitos, na área, no sentido de impulsionar novas modalidades de transferências populacionais. Pode-se perceber que esse novo contexto tanto tem influenciado transferência populacionais para as metrópoles, bem como para outras cidades, cuja posição geográfica e competitividade tem atraído industrias novas internacionais e iniciado um processo de transformação urbana já típica da atual etapa de economia.

Por outro lado, a questão das fronteiras e das áreas limítrofes entre os países apresentam um outro lado das mudanças nos movimentos populacionais; são muitas as especificidades que cercam essa mobilidade. Em primeiro lugar, é possível que, em termos quantitativos, não esteja ocorrendo um aumento expressivo dos movimentos migratórios em consequência dos acordos comerciais, se por migração estivermos entendendo a transferência de residência fixa; mas novas formas de mobilidade espacial da população passam a coexistir, incitando, inclusive, uma redefinição dos fenômenos emergentes que requerem análise.

As novas modalidades de movimentos embutem novos significados; requerem, entre outras dimensões, novos procedimentos jurídicos por força da necessidade de regulamentar, mais cedo ou mais tarde, a livre circulação de trabalhadores no contexto da livre circulação de mercadorias. Por outro lado, esses movimentos que tendem a ser mais constantes, mais circulares, mais diversos, incidem em situações de convivência bi-nacional (ou tri-nacional no caso de Foz de Iguauçu) históricas, onde estratificação social, desigualdades e carências pregressas tendem a acirrar-se; abre-se assim um leque de novas necessidades e certas dimensões da vida coletiva ficam a descoberto, como por exemplo, a necessidade de compatibilização de políticas sociais como educação e saúde, e todo o sistema previdenciário para a salvaguarda das trajetórias ocupacionais dos trabalhadores.

A pesquisa tem mostrado, ainda, que espaços geográficos contíguos, o que chamamos de fronteiras transnacionais, vão constituindo pontos particularmente vulneráveis aos efeitos

perversos da globalização e dos acordos comerciais sobre as condições de vida de grupos sociais envolvidos; onde, anteriormente, observava-se a extensão de questões agrárias não resolvidas, hoje observa-se uma crescente vulnerabilidade com maior insegurança frente aos efeitos paralelos das rotas do narcotráfico, do contrabando e dos procedimentos ilícitos de lavagem de dinheiro e outras modalidades de corrupção que aí encontram seu “nicho” de ação.

Na nova realidade em construção surgem, ainda, os conflitos entre os níveis locais (muitas vezes transnacionais), nacionais e regional no processo de tomada de decisões, no delineamento de políticas públicas, nos orçamentos, enfim na vida cotidiana dessas “novas comunidades”.

O estudo, portanto, se insere na discussão sobre as relações entre o processo de reestruturação produtiva, internacionalização da economia e formação de blocos econômicos, de um lado, e os volumes, tendências e características dos movimentos migratórios internacionais, de outro lado.

No cenário recente das migrações internacionais, em seu volume e composição, a constituição de blocos regionais integrados aponta para a diversidade de deslocamentos e, em alguns casos, até o aumento em sua intensidade, como parece ser o caso do Paraguai com o Brasil. Nesse contexto, um dos desafios que se apresenta é a governabilidade das migrações internacionais no Mercosul. Segundo Mármora (1996) torna-se necessário o desenvolvimento de instrumentos legais, administrativos e de informação sobre migração, visando a atualização de normas e instituições “destinadas a absorver as necessidades e urgências dos migrantes, nos seus direitos sociais, culturais, econômicos e políticos” (Declaración de Buenos Aires, 1996). Essa “cidadania comunitária” no Mercosul (Mármora, 1997) poderia contribuir para minimizar o problema da ilegalidade das migrações internacionais, ampliando a perspectiva da “livre circulação de trabalhadores (...) em espaços cada vez mais livres pela circulação de capitais, bens e serviços”.



## Referências Bibliográficas

- BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo - "Imigrações Internacionais no Brasil: Um Panorama Histórico". In: BENKO, G. e LIPIETZ, A. **As Regiões Ganhadoras**. Editora Celta, 1998.
- BONASSI, M. Canta América sem Fronteiras. *Dissertação de Mestrado*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Paz e Terra, 1999.
- CELADE (Centro Latinoamericano e Caribeño de Demografia). Investigación de la Migración Internacional en América Latina, IMILA. *Boletín Demográfico*, CELADE, Santiago de Chile, ano XXII, 43., 1993.
- CELADE (Centro Latinoamericano e Caribeño de Demografia). Migración Internacional en América Latina, IMILA. *Boletín Demográfico*, CELADE, Santiago de Chile, ano XXXIII, 65, 2000
- GALETTI, R. Migrantes estrangeiros no centro de São Paulo: coreanos e bolivianos. In: PATARRA, N.L. (coord). **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. São Paulo, FNUAP, 1995.
- HARVEY, David - **A Condição Pós-Moderna**, São Paulo, Loyola, 1993
- LATTES, A. e LATTES, Z. International Migration in Latin América: patterns, determinants and policies. In: Patarra, N (coord). **Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI**, FNUAP, 1997.
- LATTES, A. E. Population distribution in Latin America: is there a trend towards population deconcentration? In: **Population, distribution and migration**. New York : United Nations, 1998.
- LEMOS, M.T. Mercosur: problema de inmigración – a presencia boliviana e paraguai en Brasil. **Estudios Migratorios**. Conselho da Cultura Galega, n.4, dez. 1997.
- MÁRMORA, L. **Las Políticas de Migraciones Internacionales**. Madrid-Buenos Aires, OIM, Alianza Editorial, 1997
- MARTINEZ, J. **El mapa migratorio de America Latina y el Caribe, las mujeres y el genero**. CEPAL/CELADE. Serie Población y Desarrollo, 44. Chile. 2003
- MASSEY, D. et alli. **Worlds in Motion: understanding international migration at the end of the millenium**. Clarendon, Press Oxford, 1993.
- PATARRA, N. e BAENINGER, R. Migrações Internacionais Recentes: o caso do Brasil. In: Pellegrino, A. (comp.) *Migración e Integración*. Ediciones Trilce, 1995.
- PATARRA, N. *Integração Econômica, Mercado de trabalho e Migração Internacional: o caso Mercosul. Seminário Regional Globalización y Migraciones Internacionales en América Latina y Caribe*. Santiago de Chile, 1994.
- PATARRA, N.L (coord) **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. FNUAP, 1996.
- PATARRA, N.L. (coord). **Migrações Internacionais – Herança XX, Agenda XXI** São Paulo, FNUAP, 1996.
- PATARRA, N.L. (coord). **Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI**, FNUAP, 1997.
- PATARRA, N.L. *Deslocamentos Populacionais e Livre Circulação de Trabalhadores: o caso do Mercosul. Relatório Final*. CNPq/NEPO-UNICAMP, 2000.
- PATARRA, N.L. e BAENINGER, R. Frontier and Migration in Mercosul: meaning, specificities and implications. XXIV General Population Conference. IUSSP. Salvador, Brasil, 2001
- PELLEGRINO, A. International Migration in Latin America: Trends and Emerrging Issues. Seminário Políticas Migratórias –ANPOCS, São Paulo, 2000.
- RIBEIRO, J. Migração Internacional África-Brasil: Angola em destaque. In: PATARRA, N.L. (coord) **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. FNUAP, 1996.
- SALES, Teresa - Migrações de Fronteira entre o Brasil e os Países do Mercosul, *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 13, n. 1, jan./jun. 1996
- SANTILLO, M. Estudios e investigaciones recientes sobre migraciones internacionales en los países integrantes del Mercosur. *Seminário Regional Globalización y Migraciones Internacionales en América Latina y Caribe*. Santiago de Chile, 1994.
- SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo : Ed. Studio Nobel, 1998.
- SASSEN, S. **The Mobility of Labor and Capital**, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- SILVA, S. Migrantes Laborais na América do Sul: o caso dos bolivianos. In: PATARRA, N.L. (coord). **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. São Paulo, FNUAP, 1995.
- SPRANDEL, M. Brasileiros de Além-Fronteira: Paraguai. **O Fenômeno Migratório no Limiar do Terceiro Milênio** – Desafios Pastorais. Editora Vozes, 1998.
- VILLA, M. e MARTÍNEZ, J. Tendencias e Patrones de la Migración Internacional en América Latina y Caribe. *Simpósio sobre Migraciones Internacionales en las Américas*. OIM/CEPAI-CELADE/FNUAP, Costa Rica, 2000.